

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
7 DE NOVEMBRO
ANNO I. N. 45

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

PUBLICA-SE

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 25000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

NO RIO GRANDE

1870

AMERICA

PARENTHESIS EDITORIAL

A empresa da *America* sãda hoje á seus favorecedores, e ao publico em geral; e ao fazel-o sente o praser inescrriptivel de ser movida por um franco qão sincero agradecimento.

A vontade, o ardor com que ella dedicou-se ás lides da imprensa, buscando atravez de todos os contratepos um modesto lugar no grande banquete das lettras, se não teve u n eio feliz que encorajasse, e desse forza ás mãos de seus obreiros, tambem não tem que lamentar-se da dureza da sorte ou da horriffica condemnação que o esquecimento publico poderia legar-lhe!

Sem grandes nem pomposas promessas, está cumprido o que prometteu-se.

O primeiro trimestre de sua publicação, melhor dito de sua perigrinação, terminou; — solemne desmentido á aquelles, que lhe vaticinaram a morte, antes da *America* alcançar o meio do caminho que se propuzera explorar!

Duplo e dellrante prazer, é o da empresa da *America*, ao ver que as idéas de espiritos obscuros e perversos encontraram a negativa, o desmentido, ainda mais, seus máos e intencionados desejos frustrados, na propria consumação dos tempos, na dura realidade dos factos.

Por consequência, a *America* quer longa vida e maior engrandecimento, e para isso ella conta com a coragem e perseverança de seus obreiros; e conta tambem, porque estes se esforçaram por alcançar, com o indeclinavel juizo do publico, que lhe deve firmar o conceito.

Tres mezes estão vencidos, e nesse diminuto espaço de tempo quantos obstaculos não depaíramos para que a marcha da *America* fosse regular!... Quantas horas de descanso não temos nós, os filhos do trabalho, sacrificado, dellrantes e anxiosos, no continuo baltahar do dever!... Quantas vezes a vontade forte e potente da dignidade viu-se presta á exallar o ultimo suspiro do deslento, vencida pela forza de um oneroso sacrificio!...

E apesar de tudo quanto de doloroso ahi fica descripto, nada temos feito, nada adiantado, é esta a nossa fraca opinião, para grangearmo-nos a estima de nossos favorecedores e retribuir-lhes o valioso apoio que nos dispensaram!

Devedores! sempre devedores!... Eis a estrella má que persegue ao homem do trabalho; e nós neste mo-

mento como em toda nossa vida, não podemos ser a excepção de nossos irmãos.

Antes porém de terminarmos, cumprimos o dever de agradecer o apoio que nos prestaram os nossos distinctos collaboradores, Srs. Aureliano P. de Abreu, João José Cesar, J. P. Ribeiro, J. Damasceno Vieira Fernandes, e Pradillo.

Jovens que na fertilidade da imaginação e na grandesa d'alma, foram procurar a concepção das idéas que tanto abrilhantaram as paginas da *America*, tornando-lhe assim mais facil o caminho á seguir. Para estes nossa estima, os agradecimentos não são sufficientes.

PUBLICAÇÃO IMPORTANTE

Recebemos o terceiro e quarto numero do «PRENUNCIO», periodico scientifico, litterario e recreativo, que publica-se mensalmente na Bahia, sob a direcção dos talentosos Srs. Franklin Cesar e Costa Barros e collaboração de mais algumas habéis pennas.

Cada numero em brochura, contém 20 paginas de formato regular, e todas dedicadas á grandiosa idéa do cultivo da litteratura com selectos e interessantes escriptos.

Agradecemos a delicadeza da offerta, e promettemos retribuir-lh'a.

« AMELIA »

E' este o titulo do pequeno romance que a empresa da *America* distribue hoje como presente por seus assignantes, e ao fasel-o precede-o do seguinte escripto:

Ao entrar a *America* no segundo trimestre da sua publicação, a empresa da mesma julgou conveniente cumprir com o que anteriormente havia prometido, isto é, a realisação de um presente para seus assignantes.

E este presente, que é uma prova de reconhecimento, desejariamos tambem fosse o pacto firmado que nos garantisse a prolongação e o engrandecimento do mesmo jornal, facto este, que, irremediavelmente só depende do futuro e da boa acceitação do publico.

Apezar disto, cumpre-nos dizer aqui, que a *America* tem seguido sua marcha regularmente, e que ainda não fenecou o espirito do caminho em que embrenhou-se um só obice ou contratepo que a fizesse estremeceor; e por isso espera no mesmo intuito, alcançar com felicidade o desempenho da obrigação que a si propria impoz-se, no desenvolvimento de suas idéas.

O presente que a *America* faz hoje á seus assignantes, é fructo de uma intelligencia bem formada, que sem o apoio dos mestres elevou-se por si, demonstrando assim o quanto é sublimae util o tempo empregado no estudo, ainda que isoladamente.

Leocadio Pereira, pois, é o nome do joven, autor do romance — *AMELIA* —, e não é um clorgio mal cabido que fazemos a esse joven, que apenas o conhecemos por tradição, se dissermos, que dentre algumas produções litterarias, foi a delle a que mais nos agradou, não só por uma palpavel similhança com nosso caracter nacional, como pela grande e tao brillantemente descripta lieção de moral que encerra, contribuindo assim poderosamente para a boa constituição e maior ornamento da sociedade que deve sempre ter por unica gloria e guia de suas accões os immaculados preceitos da virtude.

Sagrados e bem sagrados os esses preceitos e o autor de *AMELIA* soube perfeitamente comprehendel-os: fazendo o sobresahir com toda a magnificencia o brilho que os adorna.

GUERRA FRANCO-PRUSSIANA

A correspondência que em seguida publicamos transcripta do *Le-Soir*, prova brillantemente a heroidade do marechal francez Mac-Mahon ante os desgraçados acroecimentos da batalla de Sedan.

Eis-a:

«Nanur, 6 de Setembro: Depois de amanhã completam-se quinze annos que assilavamos victoriosamente Sebastopol, diziam-se alguns dos officaes que vieram comigo de Dinant para Namur.

— La estive, disse-lhes eu.

— Ah! estiveis lá! Não podeis comprehender a nossa vergonha e a nossa raiva. Ah! oxalá essa raça soffra mil mortes! Em que jornal escreveis agora? perguntou-me um velho tenente-coronel, que tinha as botas empastadas de sangue, e a cabeça envolta em trapos.

— No *Soir*.

— Ah, no *Soir*, pois então digo-vos, que se o *Figaro* abriu uma subscrição para offerecer uma espada a Mac-Mahon, o *Soir* deveria abrir tambem uma subscrição para erigir uma estatua aqestre a esse grande homem! Sirvam-se para isso das estatuas do *maldito* (Napoleão) e dos seus bustos, mas purifiquem antes o bronze! E' impossivel contar tudo o que fez Mac-Mahon, até que um estilhado de bomba lhe levou a oxa, deixando-o esao a descoberto. E nos diziamos: «*Esta homem é um Deus!*»

O ferro, o fogo, as balas explosivas e uao sei que mixto infernal que os

prussianos empregavam pela primeira vez, tudo parecia escorrer e resaltar sobre elle, como a saraiua sobre as telhas de um telhado. Ia á frente em busca da morte. — « Deixae-me, meus amigos, nos dizia a todos vós, que nos collocavamos adiante do seu cavallo para não o deixar ir para a frente; » deixae-me mostrar a esses Reis, e a esses Príncipes que se escondem por detrás de suas columnas cerradas, como um marechal de França sabe combater e morrer, quando não pôde vencer! » e dizia-nos isto com aquelle sorriso suave e triste, que nos fazia chorar, e ainda mais augmentava a nossa raiva.

Ah! miséria! Nós matavamos, nós exterminavamos, e os vivos pareciam renascer dos mortos, que amontoavamos em redor de nós.

Em um impeto furioso trepámos a um monte de cadáveres, para vemos quanto tempo duraria ainda a manança; e minha espada embotada e fumeante cahiu-me das mãos, quando vi quaes eram as forças com que ainda tinhamos de combater. A planície, o horizonte, tudo estava enegrecido pelo pó: parecíamos m-squitos em um grande formigueiro.

—Marechal, disse-lhe eu, temos na nossa frente não menos de 200,000 homens.

—Não, replicou elle com brandura, temos 300,000.

Ouvindo estas palavras como que uma nuvem nos obscureceu a vista e a razão Não recuperamos o sentido senão achando-nos para além das nossas linhas de ataque, carregados pelos ulanos, que nos perseguiram de perto. Tivemos a fortuna de alcançar a fronteira belga, estamos salvos, mas porque prego!.....»

LITTERATURA

AS TREVAS E A LUZ

(MEDITAÇÃO)

A ignorancia aleja no ludo: a sabedoria eleva altiva a cabeça. O ignorante não vive, vegeta: é uma arvore ingrata cujas folhas seccarão: o sábio é a flor que desbrocha na manha da vida.

A arvore do bem acha-se no umbral da porta da educação: a do mal está no limiar da porta da ignorancia.

O homem livre ama a luz, o escravo adora as trevas: o livre é o sábio, o escravo é o ignorante.

O espirito das trevas gozta dos seus sectarios: o genio do bem ama os seus adeptos: aquelles cuja fronte é rodeada de uma aureola de intelligencia.

A intelligencia é umscutello do genio: a insipientia é um atomo do corpo social.

De todas as virtudes, a caridade é a mais sublime; mas essa ama a luz, despreza as trevas.

Onde não ha caridade, ha trevas: onde ha trevas ha ignorancia.

A E reside no homem moral: a duvidinha habita no immoral.

A moral nasce dos bons costumes, e a immoralidade dos más costumes.

O homem moral é naturalmente bom, o immoral é frequentemente perverso.

A bondade gera a salvação: a perversão o crime.

Esta conduz ao escabello dos réos: aquella ao throno de Deus.

A esperanca é a taboa salvadora de todos: mas ella adora a luz.

A luz nasceu das trevas: a luz abrilhanta o coração humano.

No seio da terra habita o diamante mas elle ama a luz.

O diamante é um ser mineral: o homem é um ente racional.

O diamante tem muito siso; e o homem pouco senso.

A luz é o talisman do diamante: as trevas são a esperanca do homem que as adora.

Sem luz não pôde haver trevas; e sem trevas pôde haver luz.

O heliotropio gozta dos raios do sol mas não gosta das trevas da noite.

O sol traz uma luz vivificante: a noite trevas pavorosa.

A luz do sol é util a todos: as trevas da noite só são uteis aos malvados.

O dia é a esperanca do justo: a noite a mãe dos impios.

O justo ama a luz, despreza as trevas, o impio ama as trevas, e despreza a luz.

A fortaleza nasce da luz: a debilidadade se origina das trevas.

Nas trevas não se adianta a esperanca: na luz ella toma grande brillantissimo.

A piedade é da luz: a impiedade é das trevas.

As trevas rejeitam o homem pio: a luz despreza o impio.

Fulgem nas luzes as grandes virtudes, e nas trevas os malditos vicios.

As virtudes são os bens dos homens: e os vicios os males da humanidade.

Para conseguir virtudes, é preciso luz, para desprezar os vicios é necessario desprezar as trevas.

As trevas são a ignorancia: a luz a sabedoria.

O homem, pois, deve desprezar as trevas, e amar devidamente a luz.

J. S. Vidal Junior.

(Do Presunção.)

POESIAS

Prece.

O meu amor é uma rosa pallida
Que a mimgo d'agua desbotava a cor;
Chorei—meu pranto lhe cahiu no seio,—
—Den vida á rosa do meu triste amor.

Embalde o seio entreabria ao céu,
Embalde a terra se voltava á flor;
E o sol lascivo no seu beijo ardente
Queimava a rosa de meu triste amor.

O céu ingrato lhe negava o ovalho,
Lhe dera a terra seu mortal calor.
E só nas lagas do meu pranto a vida
Achou a rosa de meu triste amor.

Mas—ah!... que a vida se me fozta triste
Nos bellos annos da existencia em flor,
E ponde marcha por não ter mais pranto
A pobre rosa de meu triste amor.

O não matai-me, meu Senhor, meu Deus,
Devei que eu chore sem alivio a dor,
Que deste pranto é que se nutre e vive
A pobre rosa de meu triste amor.

Dai-lha frescura, p'ra que a flor mimosa
Possa na legirina encontrar vigor;
Sinão (cortada) no meu pranto ardente
Se abrasa a rosa do meu triste amor.

E quando a tarde descambar no vale,
E a flor mimosa desbotar a cor,

Todo o perfume guardarei no seio
Da pobre rosa de meu triste amor.

E então a vida quererei que fuja
Qual sombra esguia de mortal palor,
Pois lá no céu onde ha eterno alvivo
Lá vive a rosa de meu triste amor.

Bahia, 1870.

Monra Junior.

Dormindo...

Nas vagas convulsas dos mares da vida,
Min'alma adormida geneu, palpitou!...
No embate tristonho das aguas geladas,
Por entre as geadas, o vento sopra!...

Qual pallida orluna n'um leito de flores,
Durmiam os odores das rosas do mar...
Ergueu-se a neblina nos ermos da terra...
Na encosta da terra brilhava o luar!...

Dormindo,—sonhava do vento á bafagem!
Minava-me a aragem—da febre o calor!...
Dormindo, murcharam-me as flores das encostas,
Que fundas, immensas fallavam de amor!

Rollava nas aguas tristonhas dos mares
A flor dos palmares cingida de luz;
—Estrellas errantes vagando trementes,
Brilhavam ardentes nas vagas azues!

Nem mas uma esperança! Das encostas nos montes
Fugiram-me os cantos, as rosas, as flores...
O vento gelado dos ermos dos mares
Levara nos ares meus cantos de amores!

Morreram-me n'alma bem cedo os perfumes!
Das montes nos camos sumiu-se o luar!
Marcharam-me cedo n'altura de amores,
Das encostas as flores, dormindo no mar.

Perdidas as encostas, não vi mais nos montes,
Cahiram das fontes cascadas de luz!...
Nem mais uma estrella luzia nos ares...
Dormiam nos mares as ondas azues?

Bahia—1870.

Costa Barros.

Sombra...

Era uma tarde, de esmeralda o prado
Foi matutando—pelo sol... e as flores;
Além da ermida, mas á quem do combo
Vi, que de assombro—delirou de amores.

Jurou ardente n'uma phrase santa,
Tão sacrosanta—que p'ra o céu conduzir,
Bem sobre a lage, sobre o marmorio frio
Bateo o rio—da descrença, em luz.

Era... no céu quando a harmonia alaga
E rola a vaga pelo extenso mar...
Que os anjos vinham sob a pompa e gala
Para afastar-o do mais lento arfar.

Passei um anno sem fitar á estrella:
Mas nunca eu d'ella—semita do meu sonho,
E a borboleta variando, as flores,
A' seus odores—me deixei tristonho.

Era corada como o matiz da rosa,
Gentil,—airosa,—mas que nunca; então—
Fui de joelhos perguntar meu crime,
Ella se exprime, respondendo:—não.

L'mbrei-lhe a tarde, o ciliar das brisas,
As aguas lisas, o pendor do monte;
Qual passa a garça nas lagas raras
Bateu as azas e fugiu da fonte!...

Tambava em raios o luar ovente,
A onda errante—reflexiva d'ella;
E flor e estrella—no arrolho da vida
Murchou descreida—a virginal capella.

Inexperiente n'uma nuvem falsa
Pisei descalça—com olhar tristonho,
E em negra ergia de volupta envolta
Tombei, revolta—n'um vulcão de sonho!...

Bahia, 1870.

P. M. G.

— Está bem : fazei o favor de abrir as janelas, para que entre a luz do dia ; e disei a Genaro quando volte que passe a este gabinete.

A ama saudou e retirou-se.

O monge tomou um pacote de papeis e poz-se a trabalhar, como se o sonho não o mortificasse depois d'aquella noite de completa vigília.

Escreveu algumas cartas e finalmente olhou a um relógio de parede cuja monotona pendula endalava, produzindo sonolentos golpes, como os latidos do coração humano. O minutério marcava oito horas menos alguns minutos.

— Não abuzemos de nossas forças se disseo monge, soltando a penna : passaram duas horas como o sopro da vida passa pelo homem. E apesar disso não tenho sono: a demora de Genaro me tem impaciente. Eu não sei, porem creio que existe alguma couza dentro de seu coração. Propuz-me formar um homem, não como o louco de Arnaldo de Villanueva, medico ou empirico talvez dos seculos medios : senão formar sua alma por meio de arções generosas, fazer dessa materia toca que se chama carne, uma transformação com o auxilio dos esforços do espirito, uma metempsicose sublime, em que a alma se eleve ás purissimas fontes da intelligencia. Esperemos.

Tomou um livro, e pôr-se a lêr.

Quando já ia a leitura dominando suas facilidades, abriu-se a porta do gabinete e appareceu um joven de dezoito annos, de nobre e proporcionada estatura, bello como pôde ser o Appollo de Belvédere : de phisionomia grega, como a q' David poz á de Leonidas em seu magnifico quadro das Thermopilas, d'onde se descobre a força phisica e a força intelligente : a reflexão severa e o calculo sublime, a vista audaz e tímida ao mesmo tempo, como uma doce confusão da modestia e do valor, do talento e da esperança.

O perfil de sua cabeça era de uma tal pureza, quehouvera podido servir de modelo para a dos grandes heróes, como Alexandre, Cezar, Augusto, e Trajano.

Seu traje guardava proporção com sua estranha belleza. Não vestia nem com o rigor das modas, nem com a severidade dos costumes. Podia apparecer como uma grotesca figura do seculo XIX, e ao par como um senador romano, envolto em sua larga toga ou em sua clámide semi-barbara.

Tal era Genaro.

O religioso, olhou-o attentamente, como se quizesse investigar-lhe o fundo atravez da superficie do rosto, até que finalmente perguntou-lhe com doce accento :

— Porque demorastes tanto, meu filho ?

A escuridão da noite não me permitiu regressar mais cedo á Madrid, respondeu Genaro, avançando respeitosa, até beijar a mão do benedictino.

— E desempenhastes tua commissão ?

— Com a maior exactidão. Posso dar-vos excellentes noticias. O commerciante de Alcalá, satisfaz a tudo quanto quiz perguntar-lhe.

Um movimento de alegria brilhou nos olhos do religioso.

— Bem, fallai : ansioso te presto attenção.

Donde se acha meu nobre amigo o barão de S. Yuste ?

— Em Santander. Depois de uma renhida acção com os francezes, poude escapar com toda a sua familia, auxiliado por uma partida de montañezes.

— E trabalha na santa causa da patria ?

— Cada vez com mais ardor.

— Recebeu minha correspondencia ?

— Sim, senhor.

— E que pensa fazer ?

— Trata de vir á Madrid, para cujo fim, vos faz a encomenda, de que lhe procureis uma casa.

— O barão, proseguiu Genaro houvera-se lançado abertamente á luta, se não temesse abandonar sua familia, e contenta-se com ser um inimigo encuberto.

— Sim o barão disse o Monge, a imitação do imperador Theodosio, tem ouro para seus amigos e ferro para seus inimigos.

— Essa é a resposta que soube dar a Atyla.

— Sim meu filho.

— Chame-me proseguiu o joven com doçesorriso, Scévola, Horacio, Gracco, Bruto, Alcibiades, Temistocles.

— Porque ? perguntou o benedictino, cravando nelle seus olhos brilhantes.

— Porque a juventude se adorna hoje com esses nomes heroicos para engrandecer seus feitos.

— Isso é um abuso do enthusiasmo que na apparencia deslumbra, porém que pôde fazer damno á sociedade. Tu te chamas Genaro.

— Sei-o, respondeu tristemente, o educando do benedictino. Genaro ! nome isolado e solitario que nem ainda tem o consolo de unir-se a um appellido, porque não o tenho, meu pae. Me arrancastes desses asylos que lavantam a caridade christa para occultar a impureza e a prostituição, e quem sabe seja eu o descendente de uma dessas cortezas que vendem seu nome e sua honra por um punhado de ouro. Já vês, ás vezes renego da que me deu o ser. Que de estranho tem que eu queira mudar de nome ?—Sou um pobre exposto.

— O homem meu filho não deve queixar-se da sorte. Tu tens um apoio que é este pobre religioso que ama-te como um verdadeiro pae. Esse insecto voraz que de quando em quando morde teu coração, para recordar-te a obscura origem que deves á casualidade, mais bem que ao brilhante que deves á Providencia, é o orgulho. Porém, eu sei que tu matarás esse asqueroso reptil. Esses sentimentos são as queixas de tua alma, porque não sentistes sobre tuas faces o beijo de uma mãe; não a desesperação do ser que deve amar.

Quanto ao mudar de nome, recorda, meu meu filho, o pacto da alliança que fizestes com a igreja, quando esta regenerou-te com as aguas do baptismo. Ella poz-te um nome. Porque divorciar-te delle ?

— Oh ! exclamou Genaro, vivamente commovido ; és para mim o que é a fonte para o sedento, o que é o sol para as trevas que as afugenta e dissipa. Despertaes em minha alma sentimentos desconhecidos : tens para mim, perdoa-me se me atrevo a usar de semelhante comparação, a poderosa eloquen-

cia que em outro tempo teve S. Bernardo para comover a Europa, langando-a á conquista da Terra Santa, e para pulverisar o escolasticismo de Abelardo. Enardece-se meu sangue, e vós o acalmais com um olhar; me abate a tristeza, e vós com uma palavra das forças ao meu espirito; me domina a desesperação, como neste momento, e vós com um sorriso socegaes a tempestade.

Ao mesmo tempo o nobre e agradecido mancebo houvera cabido de joelhos ante o religioso; porém este apressou-se á receber-o em seus braços.

— Assim é, querido discípulo, porque teu coração, recto e puro desde a infancia, prestou-se á que não se torça a arvore quando é mais debil e merece mais cuidado. Mais deves-te a ti mesmo, que a mim. Eu sómente te conduzi da mão, como o anjo á Tobias, para te descorcinando ante tua rapida comprehensão todos os horizontes. Apontei-te como o dedo a historia do mundo, o desenvolvimento da humanidade, as transformações que esta tem recebido á medida que avançam os seculos; o destino prodigioso de algumas nações, a decadencia e a ruina de outras.

— Oh! não digas isso, exclamou Genaro: eu não descubri a luz: vós é que m'a haveis mostrado. Obscuro insecto, escondido no lodagal da ignorancia, jámais houvera sahido sem vossos esforços de minha abjecta condição. A' vós devo-vos quanto sei... Vós me ensinastes a conhecer a humanidade, muito melhor do que nos grandes acontecimentos da historia do mundo, nos resultados e effeitos que produzem as gerações em seu caminhar pela terra. Uma pedra ás vezes, uma capa de pó, uma tumba escondida no claustro de um mosteiro foram os livros que em muitas occasiões haveis apresentado á minha vista, sempre ávida de sondar os mysterios: em minhas mãos haveis collocado autores celebres, que de noite temos lido á tranquilla luz da lampada de nossa cella: me haveis feito caminhar por toda á terra, para o estudo da geographia, já procurando grandes verdades nos cômodos do velho Egypto, entre os arenes da Lybia e o berço dos caldeos; já revolvendo os sepulchros e marmores da Asia, para comprehender o estado das culturas das primitivas gerações. Me levastes ao pé daquellas famosas muralhas q' inspiraram á Homero seu immortal poema: nos sentamos na cabana do arabe, ouvindo talvez muitas daquellas historias portentosas, recolhidas nas chronicas dos Saranides: me fizestes descer pelo correntoso Nilo em busca daquelles canaes de Necax, que em um tempo puseram em communicação o mar Roxo com o Mediterraneo: me fizestes dobrar successivamente os joelhos, já no cume do Calvario já no Parthenon de Athenas, já em as ruinas de Roma, para adorar no primeiro o berço da civilisação do mundo; para invocar no segundo aos grandes varões pae da intelligencia e da litteratura; e para recordar nas terceiras aos dominadores da terra: vós que nestas viagens me haveis aberto o sagrado tabernaculo das sciencias: tudo facilitastes á minha comprehensão, desde a planta imperceptivel que se pga nos penhascos, até o mais sublime da criação, que é o homem.

Já vós o quanto vos devo.

— Quiz ouvir-te com orgulho, mais bem que deter-te por modestia, respondeu o padre beneditino: estou satisfeito, julgo que não deves fatigar tua imaginação em inuteis alardes de agradecimentos. Entre nós existem os laços da amizade, os vinculos que devem mediar entre um pae e um filho, porque eu sou o pai que te concedeu a Providencia. Agora pensemos no presente: a tempestade nos ameaça, é myster del-a, como aquelle pontifice que fez retroceder o Agente de Deus. Reproduzem-se os tempos de Alarico. Será necessario gritar ao conquistador. "O que nos deixas?" para-que elle nos responda: "A vida."

— Não, replicou Genaro, tornando-se pallido como a morte: não lhe faltaria então quem lançasse seu machado contra a encima, á imitação daquelle longobardo que pediu a mão de Theodolinda.

— Ah! não digas isso, meu filho. Acaso não cheguem á cumprir-se os meus temores. Espero na bondade do céu o triumpho de nossa causa. A monarchia hespanhola está sustentada pela fé e pelo direito secular dos seculos. O furacão dobra a palmeira, porém não a arranca.

— Essa é minha suprema esperanza.

— Assim o crês?

— Sim meu pae.

— Neste caso, já comprehenderás que todos temos um dever sagrado, — o trabalho em favor de nossa patria.

— Comprehendo.

— Por isso obriguei-te que fosses á Alcalá, e é necessario que esta tarde voltes á ella.

— Irei onde me ordenes, respondeu Genaro com alegria.

— Tenho preciso de responder ao barão de S. Yuste. E' necessario que elle e sua familia se achem em Madrid antes de quinze dias. E a proposito, meu querido filho, não ouvistes fallar ao commerciante de Alcalá, de um cavalheiro mui chegado á familia do Sr. barão, que se chama D. Carlos de Montalban?

— Não recordo esse nome.

— E' indispensavel que tambem se encontre em Madrid para essa época. Agora vou trabalhar. Descansa até esta tarde. Hoje mais que outras vezes, me fizestes comprehender os generosos sentimentos de teu coração. Recebe minhas benções e confiemos na Providencia.

Genaro inclinou-se ante seu benefactor, e este com uma actividade prodigiosa, tomou a penna e o papel, logo que a porta fechou-se atraz do galhardo mancebo.

CAPITULO X

Luz e trevas.

N'aquella tarde, o padre Roberto de Santa Maria, tal era o nome do beneditino, depois de uma longa conferencia com Genaro, lhe entregou algumas cartas, deu-lhe suas ultimas instruções e o despachou com direcção á Alcalá.

A' porta esperava-o um cavallo de raça andaluza e árabe, de não muita altura, que pela delgadez de suas pernas, a formosura